

Apocalipse nos trópicos



Por ANA CAROLINA DE BELLO BUSINARO*

Comentário sobre o filme de Petra Costa, em cartaz nos cinemas

1.

Tanto em *Democracia em vertigem* quanto em *Apocalipse nos trópicos*, Petra Costa imprime uma visão de mundo profundamente marcada por sua trajetória pessoal – uma lente que, embora aparenta ser analítica, ainda se enraíza em uma ideia de democracia idealizada, própria das elites que sempre tiveram o conforto de imaginá-la.

Essa idealização aparece desde os primeiros minutos, quando a cineasta associa a construção de Brasília a uma espécie de nascimento simbólico da democracia brasileira – uma narrativa que ignora os rastros de violência colonial, desigualdade e violência que atravessam esse momento histórico.

É importante lembrar que Brasília foi projetada como um símbolo modernista de um Brasil progressista, mas sua construção representou, na prática, a expulsão e migração forçada de milhares de trabalhadores nordestinos, que ergueram a cidade sob condições precárias. Desde o seu nascimento, a democracia brasileira foi um projeto de cima para baixo – oficializado nos salões, nos acordos entre senhores, e não nas ruas, onde a maioria do povo seguia renegada a marginalidade. A ótica que essa história é contada já fornece pistas sobre os problemas futuros do conteúdo.

Essa leitura não se inicia “nos trópicos” – como se o caos fosse um fenômeno difuso e inevitável, fruto da irracionalidade popular em reverenciar um tipo de fé, ou como bem descreveu Tabata Tesser no *blog da Boitempo*, como se a religião fosse uma “patologia coletiva”.^[1] O verdadeiro colapso começou há décadas, nos centros desses trópicos, onde elites econômicas e políticas, reunidas em jantares e conselhos empresariais, articulam o destino do país, em uma articulação não isoladamente do simbólico pelo simbólico, mas na teia das contradições políticas, sociais e econômicas que a religião está imersa.

São justamente esses bastidores – onde a ruína é arquitetada – que Petra Costa escolhe não filmar. Não por acaso: a cineasta é herdeira da Andrade Gutierrez, uma das maiores empreiteiras bilionárias do país, envolvida em múltiplas denúncias – aqui não vale de contar sua biografia, pois não se trata disso; abro para o leitor que realize uma pesquisa rápida – mostra que seu olhar no cinema é uma escolha de narrativa específica do seu lugar histórico.

2.

No cinema, o que se mostra, contrapõe e ascende perante o omitido. Ao que se propõe em investigar a ascensão do

a terra é redonda

conservadorismo evangélico, mas o faz de maneira breve, a figura de Silas Malafaia, por exemplo, ganha destaque da narrativa como se fosse o epicentro da engrenagem.

Ele é, na verdade, um protagonista em “vertigem”, ou seja, uma dentre as diversas faces, mais ruidosa e midiática, que na realidade, deriva de uma estrutura político-econômica muito mais complexa e profundamente articulada em um grande fluxo do mercado da fé que lucra bilhões ao ano – seja de isenções fiscais, seja retirando dinheiro pela doação, seja capitalizando a exposição midiática em grandes empreendimentos chamados de *churchs* para o público mais jovem.

Por isso, o crescimento explosivo das igrejas evangélicas, se por um lado geram lucro de grandes empresas da fé, por outro lado, especialmente nas periferias urbanas e cidades menores, os pastores da classe trabalhadora, dedicam-se menos a conversão conservadora e mais à sua capacidade de oferecer rede de apoio, assistência, acolhimento e, em alguns casos, até segurança.

Assim, a religiosidade apresenta contradições reais, trazidas, timidamente (para não dizer insuficientes) no documentário. Essa diferença de lugar histórico na estrutura do capital é fundamental. Fingir que ela não existe só deturpa o que é a religião na história e no seu presente.

A fé é um vetor de mobilização coletiva real das classes marginalizadas. Demonizá-la em seu aspecto simbólico é cair na armadilha da despolitização: precisa-se fazer uma disputa consciente popular da cultura, e sobretudo, da articulação com o mundo político-econômico. Entretanto, a solução que a cineasta nos诱导 é no personalismo político como barreira de contenção desse suposto e absolutamente falso Frankenstein maligno psicologizante, manipulador.

Alguns poderiam argumentar que Petra Costa, de fato, menciona o capitalismo como problema. Mas essa crítica parece diluída e mais transparente ao decorrer do tempo de tela, e muitas vezes resvala na mesma no discurso de que ninguém jamais soube lidar com a religiosidade popular, e de repente, a direita conseguiu – e por oposição retórica, a esquerda falhou. Em um dualismo simplista entre os católicos do bem e os evangélicos do mal, morre a possibilidade de estender o debate – e assim segue decaindo a narrativa, até a fala polêmica de Lula trazida mais abaixo.

A religião não é, por si só, sinônimo de obscurantismo pelo obscurantismo. O obscurantismo torna-se possível – e funcional – quando há um interesse econômico de classe muito bem definido. Esquecer esse fator de classe inerente ao processo do negacionismo na pandemia de Covid-19 e da guerra contra um suposto “marxismo cultural” ou “socialismo imaginário” é uma leitura malcheirosa que desarma a crítica e deixa o campo aberto para o avanço do viés moralista e despolitizante da extrema direita.

3.

Entrando em detalhes nessa guerra cultural contra o marxismo – e também, esquecido como ponto solto no documentário – é parte do enredo carrega uma história mais profunda. A Comuna de Paris (1871) foi esmagada com milhares de mortos; os bolcheviques enfrentaram perseguições internas e internacionais; insurgências em El Salvador, Nicarágua e Guatemala foram combatidas com sangue e apoio dos EUA; movimentos revolucionários africanos, no Congo e em Angola, foram desmobilizados à força; e o cerco econômico-ideológico permanece até hoje em Cuba, Venezuela, Coreia do Norte e na própria China, onde o capitalismo de Estado atua sob vigilância rígida.

No Brasil, durante a ditadura civil-militar, comunistas foram perseguidos, torturados e assassinados. Poderia citar outros diversos exemplos: guerrear contra o comunismo não é só um aspecto de “loucura” dos fanáticos religiosos. A guerra contra uma esquerda potente nos revela o porquê que é deste problema que se trata: uma sociedade capitalista, que visa sua própria reprodução, dissolvendo forças dissidentes.

a terra é redonda

A guerra cultural promovida é uma pauta histórica da burguesia nacional e internacional, com raízes profundas em projetos políticos de repressão violenta sob aqueles que olham e querem transformar o mundo pela base.

Já o negacionismo sanitário também foi, e continua sendo, uma retórica lucrativa. Em muitos setores religiosos, sobretudo entre os neopentecostais, a pandemia virou um campo simbólico fértil para fortalecer discursos de fé contra o “caos do mundo”, ao mesmo tempo em que se mantinham templos abertos, vendas de produtos religiosos e redes de doações intactas. O capital encontrou, na negação da ciência, um meio de continuar girando - e a fé foi o canal.

Agora, um dos pontos dignos de indignação do espectador é a fala de Lula dizendo que “não faz palanque em igreja”. A declaração, à primeira vista coerente com a laicidade do Estado - que se mantém no âmbito formal, mas que vale relembrar como as religiões afrobrasileiras e práticas de grupos originários continuam sendo colonialmente reprimidas - ganha outra dimensão quando se observa que o governo reiteradamente prioriza o diálogo institucional com a elite evangélica conservadora^[2] colocando a disputa contínua dos espaços evangélicos populares no escanteio do debate político.

A estratégia fica mais exposta quando se compara o sindicalismo e seu ímpeto “derrotado” de organização política ao catolicismo como falha simbólica no oferecimento de respostas ao povo. O que piora essa centralidade da eleição de Lula como interrupção ou um momento que baixou a poeira da elite evangélica é extremamente frágil. Lembremos que a eleição foi completamente acirrada, e não foi por essa vitória que a bancada da Bíblia recuou. Muito pelo contrário.

4.

O que vemos hoje é a extrema direita ocupando o território da raiva acumulada na exaustão do trabalhador, enquanto o progressismo teme que sua popularidade pareça “populista” ou “radical” demais. Recuar em pautas essenciais para “acalmar” a bancada evangélica, sendo que boa parte dela segue rejeitando Lula e o PT, fazendo parte, inclusive, da sua massiva oposição dentro do Congresso Nacional. E não somente isso, mas a rejeição de Lula é decisiva entre a população de evangélicos.^[3]

A vitória de Lula e a tentativa de golpe bolsonarista aparecem no documentário como um embate entre civilização e barbárie, entre democracia e autoritarismo. Mas há um paradoxo aqui: mesmo frágil, o sistema sobrevive - e é isso que deveríamos estar combatendo - a sobrevivência e o improviso não nos cabem enquanto sociedade brasileira trabalhadora. No chão das cidades, nas periferias, nos campos, nos quilombos e nas florestas, o apocalipse seguiu se agravando antes, durante e depois daquelas ruínas que são trazidas quase como que em forma de romance no fim do documentário.

Reitero: a religião por si só não é o problema da humanidade. O problema é a manipulação da fé por elites que transformam esperança de melhorar a sua situação de vida em uma gestão de instituição de mercadoria, e a espiritualidade em controle. Afinal, o apocalipse não é uma explosão - ele se dá no silêncio das concessões, nas omissões políticas, nas escolhas narrativas que transformam drama em espetáculo e evitam o conflito.

talvez seja um pós-apocalíptico que é apocalíptico: achar que estamos caindo e se levantando subitamente em um respiro de vitória eleitoral progressista, enquanto a classe trabalhadora segue sendo cada vez mais renegada, jogada ao campo da passividade política, armadilha despolizante *master* da extrema direita.

A fé faz parte da cultura, e a cultura somos nós - múltiplos, complexos, contraditórios. Mas é preciso delimitar o que é inconciliável: há uma elite evangélica, branca, bilionária e articulada com o capital, que usa essa fé como instrumento de dominação dos marginalizados.

E há uma base evangélica popular, preta, pobre e periférica, que encontra na igreja o só consolo, a segurança, enquanto carrega injustamente essas elites e o Brasil inteiro nas costas, que é ativa e sabe dos problemas que tem. Tratar a religião

a terra é redonda

evangélica como crime no todo é essencialmente despolitizar a questão, e quando não disputamos a base da fé, abandona-se o espaço, impulsionando a dissolução do potencial transformador em perigo reacionário.

*Ana Carolina de Bello Businaro é graduanda em ciências sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Referência

Apocalipse nos trópicos

Brasil, 2025, Documentário, 110 minutos.

Direção: Petra Costa.

Notas

[1] TESSER, Tabata. Entre santos e vilões: “Apocalipse nos Trópicos” e os estereótipos sobre a fé no Brasil. *Blog da Boitempo*, 17 jul. 2025. Disponível em: <https://blogdabotempo.com.br/2025/07/17/entre-santos-e-viloes-apocalipse-nos-tropicos-e-os-estereotipos-sobre-a-fe-no-brasil/>.

[2] AGÊNCIA ESTADO. Lula tenta investida para se aproximar de evangélicos e entrega de ministério entra no radar. UOL Notícias, São Paulo, 10 nov. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/11/10/lula-tenta-investida-para-apromixacao-com-evangelicos-e-entrega-de-ministerio-entra-no-radar.htm>. Acesso em: 21 jul. 2025.

[3] BRASIL DE FATO. Pesquisa AtlasIntel aponta queda na aprovação de Lula; evangélicos são grupo mais descontente. Brasil de Fato, São Paulo, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/10/pesquisa-atlasintel-aponta-queda-na-aprovacao-de-lula-evangelicos-sao-grupo-mais-descontente/>.

CARTACAPITAL. A avaliação do governo Lula entre evangélicos e católicos, segundo nova pesquisa. CartaCapital, São Paulo, 3 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-avaliacao-do-governo-lula-entre-evangelicos-e-catolicos-segundo-nova-pesquisa/>.
